

# Patrimônio cultural em territórios metropolitanos: Novos aportes para sua compreensão

Maria Cristina da Silva Schicchi

---

SCHICCHI, Maria Cristina da Silva. Patrimônio cultural em territórios metropolitanos: Novos aportes para sua compreensão. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 154-171, out. 2022

---

data de submissão: 16/06/2021  
data de aceite: 10/05/2022

**Maria Cristina da Silva SCHICCHI** é Doutora pela Universidade de São Paulo (USP) e Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas; cristina.schicchi@puc-campinas.edu.br

## Resumo

A Região Metropolitana de Campinas (RMC), cuja sede é Campinas, é formada por um conjunto de cidades médias e pequenas, onde as relações de identidade e pertencimento não mais se estabelecem dentro de divisas municipais, ressaltando-se a ocorrência de uma rede de relações sociais em estreita vinculação com a especialização/concentração de atividades no território. Há uma semelhança nos processos de constituição física, do tecido social e da dinâmica atual das cidades que entrelaçam, de forma complexa e diacrônica, uma variedade de referências culturais (materiais e imateriais). Disso decorreu a hipótese de que a compreensão de um conjunto de cidades alinhadas por vetores de crescimento e expansão da região, historicamente constituídos, possibilitariam novas perspectivas para a discussão do patrimônio cultural. Nesse artigo são apresentados os resultados do estudo de um dos sete vetores, onde foi possível revelar uma nova estruturação baseada nas relações de identidade e pertencimento e suas referências culturais associadas.

**Palavras-chave:** identidade, pertencimento, patrimônio, urbanização, território metropolitano.

## Abstract

*The Metropolitan Region of Campinas (RMC), whose main city is Campinas, is formed by a group of medium and small cities, where the relations of identity and belonging are no longer established within municipal boundaries, with emphasis on the occurrence of a network of social relations closely connected to the specialization / concentration of activities in the territory. There is a similarity in the processes of physical constitution, the social fabric and the current dynamics of cities that interweave, in a complex and diachronic way, a variety of cultural references (material and immaterial). This led to the hypothesis that the understanding of a set of cities aligned by vectors of growth and expansion in the region, historically constituted, would enable new perspectives for the discussion of cultural heritage. In this article, the results of the study of one of the seven vectors are presented, where it was possible to reveal a new structure based on the relations of identity and belonging and their associated cultural references.*

**Keywords:** identity, belonging, heritage, urbanization, metropolitan territory.

## Resumen

*La Región Metropolitana de Campinas (RMC), cuya sede es Campinas, está formada por un grupo de ciudades medianas y pequeñas, donde las relaciones de identidad y pertenencia ya no se establecen dentro de los límites municipales, dónde ocurre una red de relaciones sociales en estrecha relación con la especialización / concentración de actividades en el territorio. Hay una similitud en los procesos de constitución física, el tejido social y la dinámica actual de las ciudades que entrelazan, de manera compleja y diacrónica, una variedad de referencias culturales (materiales e inmateriales). Esto llevó a la hipótesis de que la comprensión de*



*un conjunto de ciudades alineadas con vectores de crecimiento y expansión en la región, históricamente constituidas, podría ofrecer nuevas perspectivas para la discusión del patrimonio cultural. En este artículo, se presentan los resultados del estudio de uno de los siete vectores, donde fue posible revelar una nueva estructura basada en las relaciones de identidad y pertenencia y sus referencias culturales asociadas.*

**Palabras-clave:** *identidad, pertenencia, patrimonio, urbanización, territorio metropolitano.*

## Introdução

Essa expansão patrimonial ilimitada obriga que se coloque a questão sobre o que será necessário destruir um dia: “Começa-se então a compreender que uma sociedade que se recusa a levar em conta as destruições necessárias à sua evolução é uma sociedade morta... Aprender a destruir, determinar com a máxima sensibilidade o que é preciso ‘destruir’, no sentido de não levá-lo em consideração como referência, será o ensinamento de base que os arquitetos deverão receber em suas escolas”... Como fazer da destruição um ato que não seja negativo, uma vez que a lógica patrimonial já é em si um empreendimento de destruição? (PARENT, 1987 apud JEUDY, 2005, p. 69-70)

**E**ssa pesquisa se propôs a avançar, sob o ponto de vista teórico e metodológico, a reflexão e reavaliação das formas de reconhecimento do território metropolitano em função da componente cultural que, em geral, subjaz aos processos de transformação e quase nunca é objeto de ponderação no planejamento, a despeito de ser essencial para a discussão da preservação das paisagens formadas e identificação de referências culturais relevantes em nível local.

Neste caso, partiu-se do reconhecimento das singularidades no território metropolitano da RMC, encontradas em seus sete vetores de crescimento, que também são interpretados como eixos de conexão e como âmbitos em que convergem desde os processos de formação até os problemas urbanos de vários municípios. Isso permitiu a identificação de conformações periféricas, mas que numa análise mais detida revelam contornos próprios e territórios distintos: o periurbano e o suburbano. Nesses, entrelaçam-se novas e tradicionais práticas sociais, que implicam diretamente as relações de identidade e pertencimento e, conseqüentemente, a identificação e valorização dos remanescentes históricos e culturais.

Essa condição ficou evidente principalmente ao analisar os casos dos territórios ao longo do vetor 2 e a formação das cidades de Americana, Santa Bárbara D’Oeste, Nova Odessa e Sumaré e Hortolândia, sendo as três primeiras tratadas neste artigo. As referências culturais estão dispersas no espaço entre cidades,

precursoras muitas vezes dos próprios núcleos urbanos, onde ainda conservam características relacionadas ao modo de vida rural.

Definiu-se, entretanto, desde o início, que urbano, suburbano ou periurbano não seriam concebidos como recortes ecológicos que moldam comportamentos humanos ou de grupos. Para o entendimento destes comportamentos, valores, modos de vida, era necessário considerar outras explicações, tais como as características relacionadas às classes sociais e ao ciclo de vida destas (GANS, 1962, p.639 apud BOLÁN, 2001).

É uma pesquisa qualitativa. O método é o histórico-cultural, empírico e analítico de conteúdos e de discursos.

O artigo está dividido em duas partes: uma apresentação da formação do território e o entrelaçamento dos aspectos culturais e patrimoniais, onde serão discutidas três cidades pertencentes ao vetor, Americana, Santa Bárbara d'Oeste e Nova Odessa; e, uma discussão sobre questões relevantes relacionadas ao modo de vida e às possibilidades de reconhecimento das referências culturais (LONDRES, 2000) a partir das comunidades a elas relacionadas, com um viés para a interpretação da relação território e patrimônio.

## **Entre três cidades: Território e patrimônios dispersos**

### **Santa Bárbara d'Oeste**

Iniciar a descrição da formação do território por Santa Barbara d'Oeste pode ser ilustrativo da forma de ocupação das primeiras comunidades na região: negros, americanos, russos, italianos (Fig.01).

Margarida da Graça Martins (1782 - 1864), veio para o local entre a Vila de São Carlos (atual Campinas) e Vila Nova da Constituição (atual Piracicaba) no ano de 1818 para a sua sesmaria (SILVA, 2004). Sendo devota de Santa Bárbara, Margarida doou terras para a construção de uma capela em homenagem à santa. Isso explica o nome da cidade, que pertencia inicialmente ao território da cidade de Porto Feliz. Somente quando Piracicaba emancipou-se de Itú é que a Vila passa a pertencer à área de Piracicaba. Com a vinda dos primeiros imigrantes americanos em 1886, a cidade passa a ser chamada Vila de Santa Bárbara.

A história dos americanos em Santa Barbara D'Oeste iniciou-se na Fazenda Machadinho, adquirida pelo Co-

ronel William Hutchinson Norris, que pertencia a Vila Nova da Constituição (Piracicaba). Com a chegada de novas famílias, 26 ao todo, formou-se o primeiro núcleo de imigrantes norte-americanos. Vindos, em sua grande maioria, em decorrência do fim da Guerra Civil Americana, os sulistas/confederados haviam perdido grande parte de suas propriedades (GONÇALVES E RAMOS, 2008). Para tal, enviavam mensageiros pagos para o Brasil e outros países como observadores, os quais, ao retornarem aos EUA, publicavam relatos detalhados das formas de vida local, dos recursos disponíveis para o cultivo, para o trabalho. Havia escritórios do Brasil em alguns estados norte-americanos. Muitos destes mensageiros eram pastores, como o reverendo J. C. B, que escreveu o livro *"Brazil and the brazilians"*, publicado e republicado, respectivamente, em 1866, 1867 e 1868 (BRYAN, 1967).



Figura 1  
 Mapa da Provincia de São Paulo mandado organizar pela Sociedade Promotora de Imigração de S. Paulo” de 1886, que apresenta os principais fluxos de imigração no interior do Estado

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo In site Revista Pesquisa da Fapesp número 214, em dezembro de 2013. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2013/12/18/entre-paredes-de-concreto/>. Acesso em 08/02/2020

Com o crescimento do núcleo criaram-se escolas e igrejas. O Coronel Asa Thompson Oliver, com a morte de sua esposa sem ter na época um cemitério destinado aos batistas, enterrou-a no quintal de sua fazenda. Outros colonos solicitaram ao Coronel a permissão para que enterrassem seus entes em sua fazenda. As-

sim surgiu o Cemitério do Campo (Fig.02), que conta também com uma capela batista (ANDRADE, s/d), cujo conjunto, mais tarde, tornou-se um dos principais patrimônios dos descendentes dos imigrantes americanos que ajudaram a fundar Americana e Santa Bárbara D'Oeste.

Para sua administração foi criada a "Fraternidade Descendência Americana", uma associação filantrópica destinada a preservar os interesses do patrimônio do Cemitério e da comunidade (HOPEWELL, 1957). A associação promove no cemitério uma das festas anuais mais importantes de famílias dos descendentes, a Festa dos Confederados, que oferece comidas, apresentação de bancas musicais. Alguns dos membros comparecem vestidos com roupas típicas da sociedade americana sulista do século XIX.

Um ano mais tarde, chegaram os primeiros imigrantes italianos, em 1887, também atraídos pelos baixos preços das terras. Ao todo 28 famílias chegaram para trabalhar na Fazenda Salto Grande, hoje no território pertencente a Americana, sob a liderança de Joaquin Boer, para substituírem o trabalho escravo. Uma grande parcela dos imigrantes vindos da Itália era de regiões têxteis e foram trazidos para trabalhar na Carioba - fábrica têxtil de Americana. Mais tarde os trabalhadores da Fazenda Salto Grande se juntariam a esses. A construção da Igreja Católica de Santo Antônio na Vila Americana em 1897 é um dos marcos desta imigração na cidade (COMUNIDADE, 1997), além da presença do "Circolo Italiano", criado em 1997 (CIRCOLO, s/d).

Dois bairros rurais criados neste período preservam ainda hoje características rurais típicas. Sapezeiro (antigo Invernada), criado pela família de Antônio

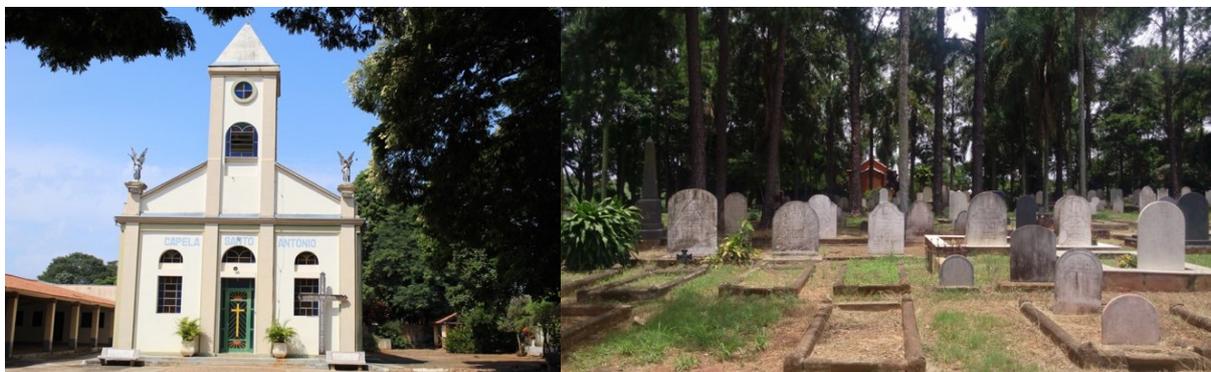


Figura 2  
Santa Bárbara D'Oeste. À direita, o Cemitério do Campo (1867-71); à esquerda, Capela de Santo Antônio de Sapezeiro, no bairro rural de Sapezeiro (1922)  
Fonte: Acervo da pesquisa, 2019

Francisco de Godoy, em 1900. O nome Santo Antônio do Sapezeiro (Fig.02) veio com a construção da capela de Santo Antônio, em 1905 (SANTO ANTONIO DO SAPEZEIRO, 2000). Hoje, duas das principais atrações turísticas do bairro são a linguiça caseira que é produzida ali e a festa da Capela de Santo Antônio, realizada desde 1934, que atraem habitantes da região metropolitana para o bairro nos finais de semana. Outro bairro rural importante para a comunidade italiana, o Caiubi, teve como um de seus fundadores Antônio Angolini, vindo da Itália para trabalhar na lavoura em Campinas (ITALIA,1996). Em Caiubi, o potencial turístico começa a se delinear a partir da instalação de restaurantes, chácaras e casas de veraneio.

Santa Bárbara D'Oeste, contou com quatro importantes usinas, Usina Cillos (1903), Usina Furlan, Usina Azanha (1935) e Usina Santa Bárbara(1914) (Cillos e Azanha, 2011, p.14). Estas usinas cederam terras para a construção da Estrada de Ferro, para que pudessem escoar suas produções (USINAS, 1997). Uma das mais importantes, a Usina Santa Bárbara, criou a Companhia de Estrada de Ferro e Agrícola de Santa Bárbara para a construção de um ramal para o escoamento de sua produção (SILVA, 2004). A área da usina e seu entorno era um importante lugar de vida social neste período, pois possuía escola, igreja e vila operária, além de edifícios administrativos em seu entorno, cujos edifícios ainda estão preservados. A Usina está desativada e, mesmo em mau estado de conservação, celebra- anualmente em suas dependências a Festa da Negadinha, organizada e frequentada por ex-moradores e ex-funcionários.

## Americana

Americana fazia parte do território de Santa Bárbara, que, por sua vez pertenceu ao município de Nova Constituição (hoje Piracicaba) e também ao de São Carlos (hoje, Campinas). Isso demonstra como as histórias dos territórios hoje pertencentes a diferentes municípios estão entrelaçadas, sendo importante conhecimento e interpretação destes para além das divisas municipais. Sua origem está relacionada à implantação de três principais fazendas: Salto Grande, Machadinho e Palmeiras, a partir da Sesmaria de Domingos da Costa Machado I, no século XVIII.

A Fazenda Machadinho, que se localizava na atual Praça Basílio Rangel, já foi demolida. A Fazenda Palmeiras constituiu-se em terreno particular, hoje incorporado à Fazenda do Estado – Instituto de Zootecnia, uma das principais instituições da região. A Fazenda



Salto Grande, produzia cana e algodão e sua sede foi localizada no encontro dos rios Atibaia e Jaguari, onde nasce o rio Piracicaba. Ela guarda a origem da história dos negros em Americana.

Um fato marcante é a vinda de negros trazidos da região de Minas Gerais pelo proprietário Manoel Teixeira Vilela em 1799, assim que adquire as terras da Fazenda e começa a construir a casa sede, com mão de obra negra escravizada. Segundo Ramos (2007), sabe-se que após abolição, os ex escravizados, abandonados à própria sorte, dividiram-se. Muitos conseguiram ficar ligados à terra, seja trabalhando como assalariados nas fazendas, seja ocupando terras devolutas e praticando lavouras de subsistência.

Portanto, a história da comunidade negra permeia todos os momentos de transformação econômica e social de Americana e região, porém, não faz parte das referências culturais locais. Essa invisibilidade se explica, além do preconceito ainda presente, pela vulnerabilidade das marcas conservadas no território. A Fazenda Salto Grande chegou a abrigar 223 negros escravizados. Porém, os negros não moraram nas senzalas adjacentes a casa sede, que foram destinadas aos imigrantes, pois havia choças de pau a pique que lhes serviram de moradias e ficavam um pouco mais distante da senzala (RIBEIRO, 2005).

Outro fator evidente na formação do território de Americana - que, desde sua origem, já se mesclava aos territórios hoje pertencentes a Campinas e Santa Bárbara D'Oeste, é a toponímia, marcada pela influência indígena nos nomes de municípios e distritos que permeiam o Rio Piracicaba. Estão na origem o tupi, como Caubi, Carioba, Piracicaba e Tupi, os nomes dos rios Jaguari e Atibaia, os quais atestam a importância dos moradores originais dessa região, mais do que os que sobrevieram no final do século XIX, como os estadunidenses, conforme já apontado anteriormente (AGUIAR, 2009).

Em 1875, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro inaugurou a Estação de Santa Bárbara (depois Estação de Villa Americana, nome utilizado nos relatórios da Cia já em 1900; depois Estação Americana). A inauguração da ferrovia iria deslocar o crescimento das vilas e núcleos coloniais, até então mais disperso, para o entorno das estações. Datam de 1882 os primeiros loteamentos na área central de Americana. Também favoreceria a instalação das primeiras fábricas na região, como a Fábrica de Tecidos Carioba, inaugurada pela empresa "Souza Queiróz, Ralston &

Cia”, que começou com 28 teares, 34 operários (alemães, estadunidenses e escravos) (CARDOSO, 2004).

A Fábrica Carioba foi comprada pela empresa “Clement Wilmot & Cia”, que deu início à construção da vila operária. Porém, três anos mais tarde (1885) a fábrica entrou em falência e foi confiscada pela Caixa.

Em 1901, o alemão Franz Müller adquiriu a fábrica em leilão, com apoio do irmão e do engenheiro inglês Rawlinson, criando a firma “Rawlinson, Müller & Cia. Em 1911, com o crescimento da vila, construiu uma barragem no rio Atibaia, produzindo e fornecendo energia elétrica para a fábrica e a vila Carioba, Villa Americana, Santa Bárbara, Cosmópolis e outras cidades vizinhas. Iniciava-se o processo de desenvolvimento conjunto da região, que mais tarde uniria as cidades ao longo do caminho que hoje corresponde ao vetor 2 (Fig.03).

Há registros de algumas famílias negras escravizadas que trabalhavam na indústria de Carioba, na época em que pertencia aos Wilmot, em 1887. Segundo Ribeiro (2005), moradores afirmaram que havia negros que trabalhavam principalmente em Salto Grande. Quando os irmãos Wilmot eram seus proprietários, os negros saíam da fazenda e iam até a fábrica, conversar com os empregados. Porém, quando a família Müller assumiu o controle da fábrica, os negros já não a frequentavam mais. Muitos deles procuraram outros centros urbanos para manter sua subsistência após a abolição.

O auge da Fábrica Carioba foi na década de 1930, quando a vila, de mesmo nome, já possuía inúmeras residências operárias e patronais e vários equipamentos institucionais, sociais e esportivos. Ou seja, tornou-se um núcleo autônomo, onde inclusive a população de outras cidades podia encontrar recreação.

O declínio da produção da fábrica se deveu ao início da produção dos tecidos de fibra sintética (rayon), consideravelmente mais baratos no mercado nacional. Já nos últimos anos da década de 1930, começou a surgir em Villa Americana a “indústria têxtil façonista”. Consistiu na união de famílias tecelãs de Carioba, que adquiriam teares antigos de empresas maiores e passaram a produzir tecidos em suas residências (COLLI, 1997). Esse processo de produção façonista, que tem suas raízes nos diversos ciclos de crise da tecnologia de produção das indústrias têxteis da região, não marcou somente o território de Americana, mas também o de Santa Bárbara e Nova Odessa, com





Figura 3

Vetor 2, Americana. Remanescentes da Fábrica de Tecidos Carioba

Fonte: Acervo da pesquisa, 2018

a formação de bairros suburbanos onde se dispersou esta produção doméstica, que até os dias atuais abrigam microempresas de produção à feição.

Nos anos 1960-70, Americana passa por um grande desenvolvimento industrial, urbano e crescimento demográfico e torna-se centro regional. Grandes empresas e multinacionais se instalaram na cidade, provocando grande fluxo migratório interestadual e surgimento de problemas urbanos, como a transformação dos bairros das outras duas cidades estudadas, Nova Odessa e Santa Bárbara d'Oeste, em subúrbios dormitórios (PASQUOTTO et al., 2014)

No final da década de 1970 e início dos anos 1980, a vila de Carioba foi sendo demolida aos poucos, com forte resistência da população, ocupações e criação de movimentos, como o Comitê Pró-Carioba (STOCK, 2009). Em 1983, a Carioba passou para as mãos da Prefeitura.

Na residência remanescente dos antigos proprietários da fábrica Carioba, funcionou a Casa de Cultura "Hermann Müller" e o casarão da Fazenda Salto Grande abrigava, até recentemente, o Museu Histórico Pedagógico Municipal Doutor João da Silva Carrão, dois dos principais patrimônios da cidade, que hoje estão fechados por questões sanitárias.

<sup>1</sup> Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Houve várias tentativas de tombamento do conjunto pelo Condephaat<sup>1</sup> nos anos 1980. Posteriormente, os galpões da fábrica foram subdivididos internamente e alugados para várias tecelagens (façonistas) e a sede se transformou na Casa de Cultura Hermann Müller, em 1999, conforme já dito. Recentemente, em 2015, com apoio do Condepham, órgão de preservação municipal, houve tentativas de criar uma associação pela Memória de Carioba.

### Nova Odessa

O povoamento da região do Quilombo, hoje dentro dos limites da cidade de Nova Odessa, também teve início no século XVIII, com a concessão de sesmarias pelo governo colonial a interessados em se fixar na região. Um dos mais importantes foi José Teixeira Nogueira (1798), cujos descendentes colonizaram grande parte da região (NOVA ODESSA, s/d).

Augusto Ramos (funcionário da Secretaria da Agricultura) foi um dos principais articuladores para a vinda de imigrantes para o núcleo de Nova Odessa em 1905 (BOLDRINI, 1989). Entre os anos de 1909 a 1911, outras fazendas foram compradas para compor a colônia, sendo que algumas hoje fazem parte de outro município, o de Sumaré. O território das fazendas Pinheiro, Paraíso e Sertãozinho, comporiam as seis seções (Nova Odessa, Fazenda Velha, Engenho Velho, Sertãozinho, Paraizo e Pinheiros) do Núcleo colonial de Nova Odessa (Fig.04).

A vinda de letos está relacionada à crise gerada pela longa dominação russa na Letônia, que teve seu ápice

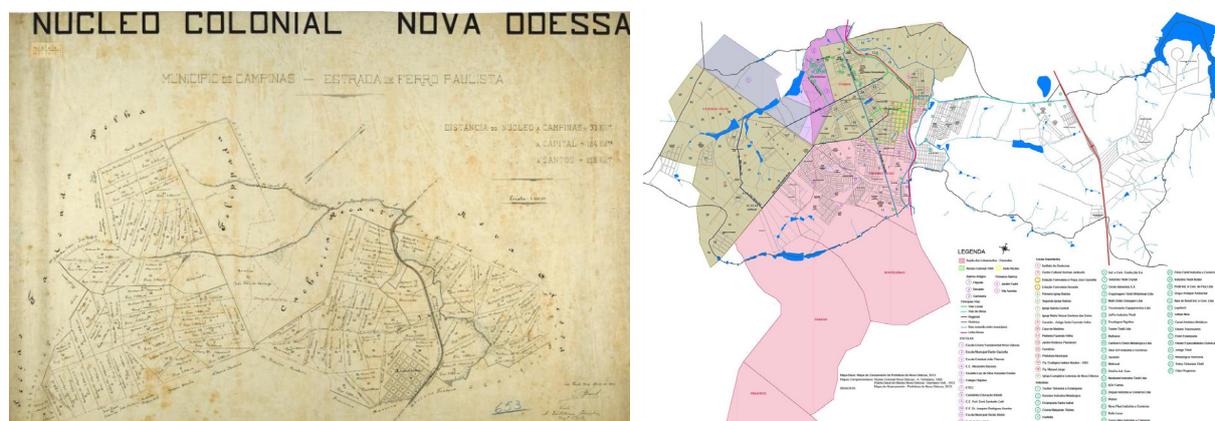


Figura 4 Nova Odessa. À esquerda, planta original do Núcleo Colonial Nova Odessa; à direita, mapa de abairramento do Município de Nova Odessa com sobreposição da planta do Núcleo Colonial, onde foi possível constatar que tanto os nomes quanto as divisas dos bairros atuais ainda guardam relação com as sessões do núcleo original.

Fonte: Fonte: Acervo da equipe, 2019

na Revolução de 1905. Com a ajuda de Carlos Botelho, então secretário da Agricultura, deu-se início à imigração para o Brasil. Parte do interesse dos letos em relação ao Brasil se deu por influência de uma publicação no diário "*Baltijas Wehstnesis*" (o mensageiro báltico) em 1889, e um pequeno livro editado em Riga (Letônia) no início de 1890 denominado "*Brasilija*" (Brasil). As publicações tratavam da "[...] fertilidade da terra brasileira, flora e fauna, as facilidades dadas pelo governo a vinda do imigrante, assim como o incentivo a formação de aglomerados de imigrantes da mesma nacionalidade, para evitar a nostalgia, e os problemas culturais" (HISTÓRIA, s/d)

Carlos Botelho também dá início ao primeiro traçado da cidade, bem como à instalação da estação ferroviária, que teria passagem pela Fazenda Velha, implementando-o nos mesmos nos moldes urbanísticos que a cidade de Odessa na Ucrânia.

O núcleo colonial instalado em Nova Odessa, já era composto em pontos distintos por portugueses e italianos, que se encontravam em sua maioria na Fazenda Pombal e Fazenda Velha (bairros Cachoeirinha e Filipada) (LIMA, 1999).

A primeira Igreja Batista foi erguida em 1906 no bairro chamado Fazenda Velha, e é uma das principais referências culturais da comunidade. Um templo maior inaugurado em 1918, é utilizado até os dias de hoje, em local que ainda conta com amplo refeitório, churrasqueiras, edifício de educação religiosa, casa residencial, quiosque, prédio com classes infantis e um palco para shows musicais (PETERLEVITZ, s/d). A terceira Igreja Batista foi construída para as celebrações em português para os novos imigrantes. Como não havia na cidade um cemitério batista, muitos letos foram enterrados nas cidades vizinhas como Santa Bárbara e Americana (NOVA ODESSA, 1977).

A ferrovia que percorria de Campinas a Rio Claro, em 1873, foi a primeira a atravessar o município de Nova Odessa, porém não havia uma parada no local. Com o crescimento da população que se formava na região e para atender as necessidades do núcleo colonial foi necessária a instalação de uma linha telegráfica, em 1905, denominada Posto Telegráfico de Pombal. Dois anos mais tarde, esse posto tornava-se a Estação de Nova Odessa. A primeira parada, Recanto, foi inaugurada em 1907, próxima à Vila Americana. No ano de 1948 foram implantadas várias tecelagens na cidade,

como a Indústria Têxtil Cooperativa Nova Odessa. Em 1939 tornou-se distrito de Americana e em 1958 é elevada a Município (LIMA, 1999).

As duas principais festas típicas da cidade de Nova Odessa são a “Feira das Nações”, na qual se reúnem várias barracas com comidas típicas de vários países, como por exemplo letos, australianos, americanos, dentre outros; e a Festa do Ligo, que é organizada pela comunidade dos descendentes da Letônia na cidade e tem como objetivo resgatar a cultura do país do leste europeu, celebrando o solstício de verão. Durante a festa são feitas apresentações de danças, músicas e barracas com comidas típicas (DESCENDENTES, 2017).

## **O vetor como eixo de interpretação de referências culturais no território**

No vetor 2, conforme foi possível compreender, os núcleos coloniais, primeiros assentamentos permanentes na região, se formaram a partir da imigração, comunidades que criaram marcos que ainda hoje conservam, de certa forma, o caráter rural ou suburbano. As histórias dos municípios se entrelaçam, portanto, no território formado entre os núcleos principais.

Uma questão relevante, já apontada por Queiroz (1978), ao estudar os bairros rurais paulistas é que a dispersão (característica também dos territórios metropolitanos) cria outros vetores de leitura. O território está conectado por múltiplas inter-relações sociais e cotidianas, mas essa teia não coincide com as formas materializadas por ele.

Ao estudar o “espaço-tempo vivido”, em levantamento de campo, de conversas com moradores, líderes de comunidades rurais, de comunidades culturais diversas, além de visitas aos espaços públicos, privados e referências construídas, constatou-se que o território é múltiplo, diverso e complexo e “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’”. A noção de pluralidade do território ou de “multiterritorialidade” ou de “um entrecruzamento de diferentes” territórios (HAESBAERT, 2007, p.34) foi a que mais se aproximou de como, de fato, se poderia definir o vetor analisado, o que exigiu uma série de leituras e releituras a partir de pontos de vistas diferentes para a sua compreensão (POULOT, 2009). Embora pertençam aos municípios, formam um território contínuo entre o modo de vida rural e urbano, que acabou por tornar-se um



potencial turístico para uma região. Completa esse cenário, o número de segundas residências instaladas em condomínios de classe média e alta junto aos pequenos núcleos rurais, o que indica a utilização para lazer ou mesmo turismo rural.

Esses territórios demandam questões muito distintas das áreas urbanas das cidades. Em muitos casos, são setores em que as relações de identidade e pertencimento se tornam inconstantes, como é o caso dos bairros que se situam nas divisas entre Santa Bárbara d'Oeste, Americana e Limeira. Nesses, a toponímia é marcada por antigas estratégias de deslocamento na região, como é o caso da Estrada da Balsa, que liga Santa Bárbara a Limeira, onde, até 1925, quando foi construída a ponte Funil, os moradores faziam a travessia do rio Piracicaba por balsa. Esta mesma estrada passa pela Avenida da Amizade, próxima aos bairros Vila Dainese e Jardim Europa, essencialmente formado por operários e estabelecimentos fezonistas, que tem esse nome como forma de celebrar a amizade entre os moradores das duas cidades que já viveram muitos conflitos em relação às divisas.

Em outro exemplo, no bairro Jardim Mollon, um bairro pendular à Avenida Santa Bárbara, que liga o núcleo homônimo com o de Americana, é possível verificar que em várias ruas, as calçadas recebem mosaicos com as iniciais de cada município gravadas, uma espécie de selo de pertencimento que delimita as divisas e que se concretiza no espaço público (Fig.05).

Esse aspecto se reflete na gestão destes territórios, a tal ponto que gerou duas propostas específicas no Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado da Região Metropolitana de Campinas, que está sendo elaborado



Figura 5

Bairro Jardim Mollon. Imagens dos mosaicos das calçadas das ruas do bairro: à esquerda, o símbolo de Americana e à direita, o símbolo de Santa Bárbara.

Fonte: Acervo da pesquisa, 2019

pela AGEMCAMP, as propostas nº 47 e 48, dentro dos aspectos relacionados à "Governança e Identidade Metropolitana". A primeira, cujo título é "*Ajustes nos limites municipais*" e a segunda, com o título "*Gestão de áreas conurbadas*", que propõe "*Equacionamento dos problemas das áreas conurbadas, articulando políticas integradas entre os municípios*". Entretanto, o problema foi registrado apenas sob o viés administrativo pois, ambas as propostas, ignoraram outros níveis de abordagem demandados por essa discussão como, por exemplo, os de identidade e pertencimento (PDUI, 2018).

Há um consenso entre planejadores de que a urbanidade é um valor a ser considerado na medida do desenvolvimento social das cidades, porém, isso não é tão notável no caso da ruralidade. Há um certo desconhecimento, segundo Abramovay (2000, p.25-26), para quem a "A ruralidade não é uma etapa do desenvolvimento social a ser superada com o avanço do progresso e da urbanização. Ela será cada vez mais um valor para as sociedades contemporâneas".

Ambos os atributos representam um conjunto de atividades e formas de vida de distintos grupos sociais que implicam na identificação do valor atribuído aos objetos e práticas locais. Contudo, como estabelecer um nivelamento valorativo entre diferentes populações, com distintos interesses?

Segundo Poulot (2009, p.229-230), as instituições internacionais como a Unesco, o Icomos e o Getty Conservation Institute, admitem que para a gestão do patrimônio a partir da noção de significação cultural é necessário que seja identificada a importância do valor de determinado patrimônio para suas "comunidades de interpretação":

O desafio consiste, desde então, em saber, quem, na comunidade, decide o que deve ser protegido e como legitimar as escolhas adotadas. Desse modo, voltam a ser formuladas as questões clássicas da sociologia política em relação aos poderes de nomear ou à capacidade de fabricar a coletividade, seja ela formada por famílias, grupos étnicos, regiões ou nações.

As cidades do vetor 2 da Região Metropolitana de Campinas apresentam uma grande quantidade de associações que representam pequenas comunidades seletivas, formadas a partir da origem comum de seus membros, já citadas, como a Fraternidade Americana, o Movimento UNEGRO e o Circolo Italiano di Americana.

O papel destas associações será sempre muito importante em relação à transmissão da memória dos grupos e na identificação dos lugares e objetos de significado cultural (ICOMOS, 2006). Porém, não se pode ignorar as relações de disputa e poder que se estabelecem sobre o território, conforme aponta Geary (1996, p. 31 apud CANDAU, 2019):

[...] longe de ser o compartilhamento espontâneo de uma experiência viva e transmitida, a memória coletiva foi também orquestrada, não menos que a memória histórica, como uma estratégia favorecendo a solidariedade e mobilização de um grupo através de um processo permanente de eliminação e escolha.

Um fato simbólico, que ilustra essa afirmação, em relação ao casarão da Fazenda Salto Grande, por exemplo, é que apesar de nele funcionar um Museu, sendo, portanto, um patrimônio "oficial" da cidade, o local teve que ser reivindicado pelo movimento UNEGRO<sup>2</sup> de Americana para realização de encontros da comunidade. Um desses encontros, denominado "O negro na história de Americana"<sup>3</sup>, foi realizado dentro do casarão interditado, em agosto de 2019. O evento contou com café comunitário, palestras, rodas de conversa e atividades culturais. As falas das diversas lideranças negras da região, reafirmaram que o casarão representa uma prova material da existência dos negros nesta cidade, um espaço de memória dos antepassados, cuja trajetória, segundo os organizadores, é negada e silenciada.

<sup>2</sup> UNEGRO: União de negros e Negras pela Igualdade.

<sup>3</sup> JORNAL O LIBERAL, 23/ago/2019. Disponível em: <https://liberal.com.br/cultura/participacao-de-negros-na-historia-de-americana-e-tema-de-debate-1063498/> Acesso em 30/abril/2020.

Na sociedade contemporânea, o desvanecimento das grandes memórias organizadoras - as unificadoras dos princípios de vida, calcadas no imaginário sobre colonizadores, heróis e mártires - faz com que cada indivíduo siga seu próprio caminho, o que resulta em memórias fragmentadas e, ao mesmo tempo, faz com que nenhum grupo tenha a possibilidade de construir essa unificação, posto que encerrado em sua esfera de especialização (HERVIEU-LÉGER, 1993 apud CANDAU p. 184).

Formas de abordagem do patrimônio - paisagem, itinerários, redes culturais e inventários participativos - em simultâneo ou em associação, e seus respectivos instrumentos de preservação, indicam um caminho para se pensar uma estratégia de preservação dos remanescentes da RMC, que se configuram como um patrimônio regional, metropolitano, cuja escala transcende a atuação de órgãos municipais de preservação. Porém,

[...] aceitar ter que fazer escolhas em nossas heranças, reconhecer que a totalidade das memórias nos é inacessível, admitir nossa radical individualidade e a impossibilidade definitiva de um compartilhamento absoluto com o Outro é, talvez, a única maneira de reconstruir as memórias que não serão mais hegemônicas, mas pelo menos sólidas e organizadoras de um laço social em condições de repudiar toda ideia de submissão (CANDAUI, 2019, p. 195).

Faz-se com essa citação uma conclusão, com a qual é importante retornar à epígrafe inicial, que enuncia a ideia de que no futuro será necessário saber o que destruir e que o próprio ato de preservar, não atento a essas mudanças na forma de definição de valores a partir das transformações nas formas de vida e nas formas de apreensão, transmissão e salvaguarda das memórias, pode ser um ato de destruir.

## Agradecimentos

À FAPESP, pelo financiamento desta pesquisa através do Auxílio nº 2018/00743-7; ao CNPQ pela bolsa Produtividade em Pesquisa (proc. 305078/2020-8). Às bolsistas Treinamento Técnico FAPESP: Camila Campoy, Heloisa Padula, Julhia Bernardo e Mirian Senna.

## Referências

- A COMUNIDADE Italiana em Santa Bárbara. In *Jornal Gazeta Metropolitana – Suplemento A história de Santa Bárbara. A chegada dos Italianos*, n.8, s.d, s.n., 20 nov. 1997.
- A HOPWELL Church, marco histórico da civilização americana do norte em nosso município. In *Jornal D'Oeste*. Santa Bárbara D'Oeste, 13 jan. 1957. FUNDAÇÃO ROMI.
- ABRAMOVAY, Ricardo. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. *Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão*. Texto para Discussão nº 702. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.
- AGUIAR, Letícia. *Imigrantes norte-americanos no Brasil: mito e realidade, o caso de Santa Bárbara*. Dissertação (Mestrado). IE/Unicamp, Campinas, 2009.
- ANDRADE, André Luiz Alípio de. *Variações sobre o tema: a sociedade auxiliadora da indústria nacional e o debate sobre o fim do tráfico de escravos (1845-1850)*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Instituto de economia, UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002. Disponível em: < [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/285874/1/Andrade\\_AndreLuizAlipiode\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/285874/1/Andrade_AndreLuizAlipiode_M.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2019.
- BOLÁN, Eduardo Nivón. Las contradicciones de la ciudad difusa. *Revista ALTERIDADES* 13 (26). Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2003. Págs. 15-33.
- BOLDRINI, Maria I. *A migração leta – O núcleo oficial de Nova Odessa*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989, 132 p.



BRYAN, Abílio Serra. *Americana, sua história*, s.l., 1967.

CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. Tradução maria Letícia Ferreira. 1ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CARDOSO, Ana Maria Vieira. *Família de cidades: a atividade têxtil em Americana e entorno*. Dissertação (Mestrado). IG/Unicamp, Campinas, 2004.

CIRCOLO Italiano será formado ainda esse ano na cidade. s.n, Santa Bárbara d'Oeste: FUNDAÇÃO ROMI, s.d.

COLLI, Juliana Marília. *O fezonismo pelo avesso: um estudo das formas de organização do trabalho à feção no ramo de tecelagem do polo têxtil de Americana – SP*. Dissertação (Mestrado). UNICAMP, Campinas, 1997.

DA ITÁLIA para o Brasil. 100 anos de imigração da família Angolini. *Jornal Diário de Santa Bárbara*, Santa Bárbara D'Oeste. 15 dez. 1996.

DESCENDENTES da Letônia fazem festa típica em Nova Odessa. S.n., Portal G1, 23 jun 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/descendentes-da-letonia-fazem-festa-tipica-em-nova-odessa.ghtml>> .Acesso: 27 fev. 2019.

GANS, Herbert J. Urbanism and Suburbanism as a Ways of Life. In Arnold M. Rose (ed.). *Human Behavior and Social Processes*. London: Routledge and Kegan Paul, 1962.

GONÇALVES, José Sidnei; Soraia de Fátima RAMOS, S. F. Da origem à hegemonia e crise do algodão meridional brasileiro no século XX. In *Informações econômicas*, São Paulo, v.38, n.2, fev. 2008. Disponível em: < <http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/ie/2008/tec3-0208.pdf>> . Acesso em: 14 fev. 2019.

HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: Um debate. *Revista GEOgraphia*-Ano IX – Nº 17, 2007.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. La religion pour mémoire. *Revue Française de Science Politique*. Paris: Le Cerf, 1993, 274p.

ICOMOS AUSTRALIA – International Council on Monuments and Sites. A Carta de Burra. Tradução para a língua portuguesa por António de Borja Araújo, Eng.º Civil I.S.T. Dezembro de 2006.

JEUDY, H.P. *Espelho das Cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LIMA, Maria Silvia Viaro de. *A revitalização do centro de Nova Odessa*. Nova Odessa: [s.n.] 1999, p.1-68.

LONDRES, Maria Cecilia. Referências Culturais: Base para uma novas políticas de patrimônio. In *Inventário Nacional de Referências Culturais*. Manual de Aplicação. IPHAN. Departamento de Identificação e Documentação. Brasília: IPHAN/MinC, 2000, p.11-21. Disponível em <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Edital\\_de\\_Chamamento\\_Publico\\_Congadas\\_de\\_Sao\\_Paulo-Anexo4.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Edital_de_Chamamento_Publico_Congadas_de_Sao_Paulo-Anexo4.pdf)> Acesso em 30/abr/2020.

NOVA ODESSA. São Paulo – SP. Histórico. *Biblioteca do Instituto Brasileira de Geografia e Estatística*. IBGE. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/sao-paulo/novaodessa.pdf>> . Acesso em: 19 fev. 2019.

PASQUOTTO, Geise Brizotti, SILVA, Paula Francisca Ferreira da; SOUSA, Luana de Souza e, GARCIA, V., SILVA, Maria Scarpinatte Muniz da . A expansão urbana de Americana e a questão regional. *Revista Rua*, Número 20 – Volume II. Campinas, Nov. 2014.

PDUI. Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado. Região Metropolitana de Campinas. CADERNO DE PROPOSTAS DA SOCIEDADE CIVIL, 2018. Disponível em: <<https://www.pdui.sp.gov.br/rmc/?tag=governanca>>, Acesso: 01/março/2019.

PETERLEVITZ, Raine R. História da Igreja Batista Fazenda Velha. Portal da Igreja Batista Fazenda Velha. s.d. Disponível em: <<http://www.batistafazendavelha.com.br/igreja/a-pi-bno/>>. Acesso: 26 fev. 2019.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente. Séculos XVIII – XXI. Do monumento aos valores*. Tradução João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Bairros rurais paulistas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

RAMOS, Cláudia Monteiro da Rocha. Os negros na História de Americana. In *UNEGRO AMERICANA* [facebook], 24/jan/2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/UnegroAmericana/posts/1709625822682929/>. Acesso em 31/abril/2020.

RIBEIRO, Maria José Ferreira de Araújo. *Memória, Imigração e Educação – Fábrica de Tecidos Carioba: Uma vila industrial paulista no início do Séc. XX*. Tese (Doutorado). UNICAMP. Campinas, 2005.

SILVA, J. R. Usina tem 127 anos. *O Liberal*, Suplemento Santa Bárbara D'Oeste 186 anos. Santa Bárbara D'Oeste, 04 dez. de 2004, p.3.

STOCK, Suzete de Cássia Volpato. *Benamata: um lugar, uma herança*. Tese (Doutorado) FE/Unicamp, Campinas, 2009.

USINAS e Imigrantes consolidam economia. *Jornal Gazeta Metropolitana – Suplemento A História de Santa Bárbara 4 – 1930 a 1970. A consolidação da economia*, Santa Bárbara d'Oeste, s.n., 23 out. 1997. p.3.